ANNO II — CAPITAL FEDERAL 22 DE ABRIL DE 1899 — N. 83

ESCRIPTORIO E REDACÇÃO
N. 14
Travessa do Ouvidor
2º Andar

NUMERO AVULSO
100 réis

O Rio-Nú

PERIODICO BI-SEMANAL
CAUSTICO
HUMORISTICO
Ás quartas e sabbados

NUMERO ATRAZADO
200 réis

COLLABORADORES
Carlos Eduardo, Bock, Le Petit, Reporter, Caetano Kean, Gombeaux, Martin I, [illegible], Lucas Tavares, Chico Bota, Dr. Zé Carneca, Ricaneur, Jeb [illegible], Piparote, Dona Fêsa, Mané Gregorio Junior, Thereza, a Costa, Bock-Bier Chopp e Frei Colo.

DIRECÇÃO
DE
GIL MORENO E VAZ SIMÃO

Assignaturas para a Capital e Estados
Anno .... 12$000
Seis mezes .... 6$000
Extrangeiro, anno .... 25$000

SEMANA DESPIDA

N'esse campo escabroso da noticia
A semana que findo,
Já tão fresca e [illegible],
Não foi precisamente [illegible]
Causadora de [illegible]
Em principio [illegible]
Não [illegible] do fogo [illegible]
Que essa [illegible]
Mas a chuva de [illegible]
Que extinguiu o [illegible],
A chuva que [illegible]
E foi a gente mais [illegible]!
Na verdade o calor estava [illegible]
E um pobre cidadão já não podia
Fazer a mais pequena estrepolia,
Sem que houvesse [illegible]...
Trouxe o calor tal gana
Que a gente p'ra trabalhar
Tinha vontade de [illegible]
Como aqui [illegible] semana,
[illegible]
Chiava [illegible]
Mais [illegible]
Se não [illegible] a prosa
[illegible]
Achando a prosa [illegible],
Mas [illegible] de historia
— Antes [illegible]!

* * *

Depois de [illegible] que vem mais
— Uma historia lá p'ra Matto-Grosso...
Sou muito magro, p'ra [illegible]
Que fica longe e fica lá p'ra traz.
Demais, sinceramente,
Apezar [illegible]
O velho vicio encantou-me
E eu gosto mais das coisas pela frente...

* * *

Não fallo aqui d'essa [illegible]
Do tal inspector [illegible]
Que um bello carapetão
Na casa da gente [illegible]
O tal lá vio a menina
No chorosinho [illegible],
Vae á policia [illegible]
E acha apenas o esqueleto
Oh! meu [illegible] da [illegible]
Vê se esta é mais acertada...
— Não viste creança nem nada,
Tu viste um braço de creança!
Ou então se viste mais
Que essa [illegible] se desarme
Tu, Galvão, comeste a carne
Deixando os ossos [illegible]!
Que o [illegible]
E mande dar [illegible]
[illegible]
[illegible] que elle não [illegible]

* * *

E tu, meu [illegible] amigo [illegible],
Que teste [illegible]
No serão passado
Andas ainda a revolver as [illegible]
Passou hontem teu dia,
Passaste á nossa vista!
E quem, [illegible] Xavier, já te dizia
Que te queriam fazer positivista !!
E simplesmente um horror!
E demais! positivista!
Ainda se fosse Dentor
Ou Cirurgião-Dentista...
Proto-martyr da Republica,
[illegible]
Que tiveste morte horrivel
No meio da praça publica —
Vê que este [illegible]
Que com teu sangue [illegible]
Já nos está dando o fructo
Da semente que plantaste!
E abrindo a larga pagina da historia
Onde o teu nome brilha [illegible],
Eu vejo que homenagem [illegible]
O Brazil todo [illegible]!

* * *

Não quero [illegible]...
Nem toda a Troça [illegible]...

M. [illegible]

PIADAS

[illegible]

Senhor [illegible]
Onde [illegible]
A [illegible]
Será [illegible]
Cheira-me ser [illegible]
Ou que o sujeito alguem debocha?...
A fuzo... não! Se fosse a tocha
Tinham-m'a mim para atochar!

* * *

[illegible] anuncio é bem estupido,
Pois se quer obra de senhora,
Não quer que a costa saia fóra
E [illegible] quer achar...
[illegible] um pouco exotica
[illegible] completa:
[illegible] a senhora for atarracada
[illegible]?

Bock-Bier.

A PROMESSA

A Maricota tinha perdido o annel, aquelle bello annel que lhe dera o Ruy, o seu noivo, n'uma tarde em que tinham feito as pazes de uns arrufos de noivos...

E que pezar que teve a formosa Maricota, tendo perdido aquella joia simples, um pobre aro de ouro e em uma perola pequena, mas que para ella tinha um alto valor, — o ter sido o traço de união entre ella e o Ruy, arrufados que andavam por uma questão de ciumes, e que n'aquella tarde, bella tarde luminosa de Abril, tinham feito as pazes, e que prazer! selladas por um beijo prolongado e doce, e deixando, como grata lembrança das alegrias d'essa reconciliação, aquelle annel, aquelle simples annel que tinha todo um valor moral, perfumado e doce...

E agora, tendo o perdido, a Maricota chorava amargamente a sua perda, e, á lembrança d'aquella prenda de amor, os seus grandes olhos azues fitavam o céo vasto, tambem grande, azul tambem, e deixavam cahir abundantemente perolas e mais perolas, faces a baixo, que vinham cahir no collo, como a quererem compensar aquelle coração angustiado da perdeza da outra perola que se perdera...

E depois de muitas e reiteradas buscas por todos os cantos da casa, a Maricota, sempre formosa e triste, com os olhos cheios d'agua e o coração cheio de angustia, perdia a esperança, abandonava-se no sofá, a chorar, a chorar perdidamente, torturando os seus grandes olhos azues, que se erguiam magoados para o céo longinquo tambem azul, tambem grande...

E que seria d'ella, coitada! agora, sem aquella prenda que lhe dera o Ruy, em uma bella tarde de reconciliação e de amor?...

Era religiosa e abrigou-se na Fé! Quem era o santo descobridor dos perdidos? — Ah! Santo Antonio!... Esse bom e meigo santo que já uma vez fizera apparecer o Ruy, ha tempos, quando elle andava, esquivamente, [illegible]... Ah! bom santo!... E [illegible] o Ruy appareceu [illegible] [illegible] [illegible] promettera ao santo [illegible]

[illegible]

[illegible] promettera ao santo.

Tambem se elle, agora, egoista e máo, não lhe fazia apparecer o annel, como outr'ora fizera apparecer o Ruy...

Mais tarde chega o noivo, o Ruy, alegre e risonho, e, que bella surpresa! traz-lhe o annel, o annel que elle lhe levara, por pirraça, só para vel-a triste quando voltasse, e assistir á expansão da sua alegria, quando lh'o mostrasse, só para assistir ao radiante brilhar dos seus bellos olhos azues e grandes...

Mas o que era isso? Ficava ella triste!

Era verdade. Ella deixava pobre o dinheiro do santo... Bom santo, tão generoso e tão bom!... E agora que difficil que lhe ia ser o pagamento da promessa!...

Carlos Eduardo

Coincidencia

«TRIBUNAL DA RELAÇÃO

Sessão em 28 de Abril de 1899

Habeas-corpus originario, Netheroy. Impetrante Antonio Francisco da Costa Bitre. Paciente Isabel Gandner. Relator o desembargador presidente. Concederam o *habeas-corpus* unanimemente.»

(D'O *Fluminense*, de 2º.)

Ai! o numero da historia
Com que devéras me [illegible]!
Até parece que o filtro
Tem uma coisinha inglezia,
Que não dá nem em espirro!

Senhora que se commove,
D. Isabel, a paciente,
Sem ser princeza regente,
Teve o seu sessenta e nove
Muito unanimemente.

Bock.

*

O *Paiz* de 20 diz que «o amor nasce na alma, reflecte nos olhos e mora no coração.»

Por modestia o collega não disse por onde é que elle sae...

GAZETINHA

O'[illegible] que annuncia por esta folha precisar de uma senhora que o proteja, procure carta neste [illegible]

[illegible]

[illegible]

Pode [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] vontade de [illegible] e sabe Deus que sahirá disso tudo!

Emfim desejo de coração a ambos que sejam muito felizes, que tenham muitos filhos [illegible] queixem mais tarde de casar por annuncio. Esse negocio de protecção de mulher cheira a [illegible] [illegible]

[illegible]

Estão birgens

Para [illegible]
[illegible] delegado
[illegible]
[illegible]

[illegible]
[illegible]
E [illegible]
Fez enorme trapalhada.

Pela demora do exame
'Stavam todos em cortigo
Quando apparece o [illegible]
E declara que: *estão birgens*.

Thomaz.

IDYLIO

Ella tinha 15 annos, idade de flores, estrella que principia a fulgurar no firmamento da vida. Elle 18. Amor ardente, fogo extraordinario no coração. Encontraram-se um dia em uma festa. Na igreja se bem me lembro os olhos della encontraram-se com os delle e... amaram-se.

O amor! um demonio infantil que vem habitar o inferno da nossa alma. O amor, coisa que nos faz ver estrellas ao meio-dia! O amor, traça que rõe todas as folhas do livro da nossa existencia. O amor... é o amor que nos alimenta e muitas vezes joga com um pobre mortal nas bandas da cidade do *pé junto*.

O caso é que o Carlos amou a Mariquinhas e a Mariquinhas apaixonou-se pelo Carlos. E ninguem mais podia com elles. Eram sorrisos, presentes, cartas perfumadas, o diabo. O pai de Mariquinhas dava urros estrondosos. Nem era para menos.

— Um patife desempregado! Um biltre que não tem onde cahir morto, e que quer casar! Um desaforo!

Mas o rapaz gostava da pequena, a pequena gostava do rapaz, e quando ambos querem...

O Fortunato, que era o pai da menina, resolveu deportar a respeitavel filha lá para as bandas de Petropolis.

Um bello dia, muito cedo arrumou as malas e azulou.

A Mariquinhas um pouco [illegible] [illegible]

[illegible]

— Mariquinhas [illegible]! E sem me dizer nada! Que ingrata!

Nesse momento passava a Clara, [illegible] a [illegible] que [illegible] abafou:

— Procura, sinhá moça?

— E' verdade.

— Foi para Petropolis. O pae [illegible] ella para [illegible]

— Levou-a? [illegible] Levou a filha para Petropolis. Eu [illegible] a Petropolis. Não [illegible] mais [illegible]. Hei de [illegible] meu amor [illegible] Mariquinhas [illegible] Heloisa [illegible] mesmo o que soffreu o desgraçado. Hei de ser um Fausto, um Romeu, um Paulo, [illegible]

[illegible] Carlos, no [illegible]

Enterrada a Mariquinhas em Petropolis passava uma vida enfadonha [illegible] á porta do seu amor. Lembrava-se dos beijos do Carlos, daquelles apertos de mão, dos... de todas aquellas amabilidades que o Carlos sabia fazer.

No enorme retiro, a rapariga gosava de uma liberdade ampla. Morando em uma casa [illegible] ella muitas vezes [illegible] pela matta e ia [illegible] uma grande arvore formada por [illegible] e [illegible] consolava pensando no seu primeiro amor.

Uma tarde em que ella estava contemplando no mesmo sitio uma estrella que principiava, o [illegible] manto azulado do céo, um rumor surdo veio despertal-a da contemplação.

— Ah! balbuciou alegremente a rapariga.

Era o Carlos que tendo necessidade de cousas reservadas embrenhara-se no matto e ouvindo o canto tristonho de uma voz approximou-se cada vez mais e... deparou com sua [illegible]

[illegible] quantos [illegible], quantos [illegible]!...

Silencio. Oh! lua! Testemunha de quasi todas as aventuras de amor. Nada reveles ás estrellas, tuas companheiras.

Silencio oh! flores agrestes. Adormece com a musica dos meus beijos.

— Patife! Bandido! Ate aqui! Era o pai de Mariquinhas.

Até aqui! Ei-los abraçados um ao outro. E ella... toda desgrenhada!

Ambos ajoelharam-se.

— Perdão!

— Passem já para casa. Vamos tratar do [illegible] para o Pastor.

O que [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Bock.

THEATRO DO RIO NU'

Collecção de monologos, cançonetas, scenas comicas e poesias

QUAL O QUÊ!

CANÇONETA

Repertorio de Edmundo André

I

Sou distrahido por demais
Se alguma cousa eu prometter
Hoje, amanhã não sou capaz
De me lembrar o que possa ser.
Isto é tão certo que até,
A Luizinha me encontrou
E me perguntou: ó José
Meu presente onde ficou!
Hein?
Que!...
Sim?
Ah!...
Oh!
Como?
Quando?
Qual o quê!...

II

Com certa morena a valsar
Num rodopio de tontear,
No meio da valsa com ardor
Lhe declarei o meu amor.
Baixando os olhos para o chão
E com as faces em rubor,
Bateu-lhe forte o coração
E disse a tremer: oh! senhor!
Quer me amar?
Me adorar?
conquistar!
E depois?
Se quizer?
Me raptar!
Nos casar?
Qual o quê!...

III

Uma beldade eu conquistei
Formosa como mais ninguem,
N'um instante me apaixonei,
Marco uma entrevista, ella vem.
Mas não sei como aconteceu,
Que sentindo o marido vir,
Ella me disse: ó meu amor
Tu precisas já fugir.
Por aqui?
Por alli!
Por cá?
Por lá?
Por onde?
Porque lado?
Pela janella!
Qual o quê!...

Páo de Cabelleira

Amavam-se!

Não é esse precisamente o verbo a empregar: adoravam-se, e se por acaso Alfredo devido aos seus affazeres deixava de vir uma ou outra noite beijar a sua querida Amelia, esta ficava nervosa, aborrecida, mal humorada, e não tornava a sorrir, se não quando voltava o seu adorado Alfredo!

Mas... ha sempre um mas n'estes idylios de amor... apezar de que só viviam um para outro, apezar de que anhelavam ardentemente que chegasse o venturoso dia em que unissem as duas almas em um dôce amplexo, uma nuvem tenue e pequenina vinha toldar o horisonte de tamanha felicidade! Evidentemente havia entre os dois o que quer que fosse que punha uma mancha escura no sorridente céu do seu aventuroso futuro!

*

Já por diversas vezes Alfredo quizera abrir á eleita da sua alma o coração que sangrava por amor desse mysterioso facto, porém, faltava-lhe a coragem e apenas balbuciava—Amelia eu...

Ella da mesma fórma guardava outro segredo e se bem que quizesse revelal-o ao seu gentil noivo, gaguejava apenas.

— Alfredo, eu...

E não atavam, nem desatavam!...

*

O namoro, porém, seguiu o seu curso natural e o enlace foi marcado para breve.

Alfredo mobiliou com todo o conforto e com todo o carinho, a pittoresca casinha onde preparou o seu ninho de amor, e como de praxe convidou Amelia para ir examinar os commodos e verificar se os moveis, cortinados e bibelots estavam de accordo com o seu desejo. Amelia foi achou tudo com muito gosto muito bonito, muito chic. Apenas um movel, erecto na alcova nupcial chamou a sua attenção e intrigou a devéras.

Era uma especie de cabide, um páo sobre o comprido, envernisado, porém, sem braço algum e apenas com uma leve inclinação e com uma maçanêta na ponta!

— Alfredo, que movel é este? perguntou ella.

— E'... é... um cabide... moderno—respondeu elle confuso.

E retiraram-se ambos, sem que causasse a ella séria especie o singular e extranho movel!

*

Chegou o dia, ou antes a noite tão anciosamente desejada e depois que conseguiram despedir-se dos importunos convidados recolheram-se ambos ao quarto nupcial.

Coisa extranha! Iam ambos pallidos e nervosos, e quando afinal conseguiram ver realizados os seus ardentes desejos, em vez do jubilo natural em tão ditoso momento, estavam lividos e apprehensivos, como se fossem réus aguardando a sentença, em frente do tribunal!

Vão lá conhecer o coração humano!

*

— Amelia disse Alfredo—nunca tive coragem de te contar um defeito meu, que me acabrunha e me enche de magua e tristeza.

— O que te affige? respondeu ella — seja o que fôr, tem confiança em mim e acredita que serei sempre a tua Amelia.

— Uma fraqueza...

— Fraco, que importa? Não serei exigente, e...

— Não é isso, filha, é que uma fraqueza do meu espirito me forçou a não te contar um defeito meu. Devido a uma febre de mau caracter perdi todo o cabello e fui obrigado a usar cabeleira, e mostrou a cabeça completamente desprovida de cabello!

....

Amelia correra para elle apertando o de encontro ao peito n'uma explosão doida de louco contentamento!

— Sou completamente feliz!—bradou ella...

— Devido a uma meningite que tive em creança fiquei tambem sem cabello algum, e era esse o segredo que eu te occultava! Graças a Deus, que não nos poderemos rir um do outro!

*

Minutos depois as duas cabeleiras descançavam no lustroso e torneado movel, e o segredo da noite abençoava a união do casal mais venturoso que conheci em toda a minha vida...

*

... E, olhem, que já fiz 69... annos!...

A. C.

BRINDE

Zé Thomaz, um grande urso,
Porco, immundo, esbodegado
Foi impingir um discurso
A' Marianna Delgado.

De copo em punho o coitado
Bebera mais de um almude,
O demonio da saúde
Punha o bruto embriagado.

Diz o Thomaz—Gente minha
Como a ave na floresta
Eu vou saudar a rainha
Desta symbolica festa.

Desse archanjo de belleza,
Perfume que a flora emana,
Rainha da natureza,
Dessa fada—a Marianna!

Jon Olina.

Recebemos dos Srs. Pinto & Mesquita communicação de haverem constituido firma para exploração do negocio de seccos e molhados, por atacado, na rua General Carneiro n. 47 B, S. Paulo.

MODINHAS BRAZILEIRAS

QUE SORTE, QUE SINA

Que sorte, que sina,
cruel é meu fado!
viver separado
de um anjo fiel!
Que valem bellezas
da verde campina!
Da flôr purpurina...
Que importa seu mel?!

Tarde, bem tarde,
ao pé de uma fonte,
perguntei ao monte
que mal eu te fiz!
O monte não sabe
noticias da amada!
A fonte é calada...
Se sabe, não diz.

Nas margens de um rio,
n'um velho ingazeiro,
levei dia inteiro
por ella a chamar...
Um canto saudoso
de longe se ouvia...
ninguem respondia...
me poz a chorar!

Com ella eu vivia
cantando ou carpindo,
ventura fruindo
n'um terno gozar!
Com o leve biquinho
seu peito arrufado
com tanto cuidado
me punha a catar

N'um velho ingazeiro
depuz o meu ninho,
que chora, sosinho,
sem ella e sem mim!
Tão grande trabalho
me deu seu fabrico,
tecendo com o bico
pennugem, capim.

Loteria Mineira Agave Americana.—Extracções diarias, ás 5 horas da tarde, em Juiz de Fóra, com assistencia do Exm. Sr. Dr. Corrêa de Azevedo, Fiscal do Governo. Venda franca na Capital Federal. Agencia geral, rua Nova do Ouvidor n. 23, sub-agencia geral, Casa Seabra, rua Gonsalves Dias n. 50.

PREMIOS DO «RIO NU»

No nosso penultimo numero foi premiado: no *Motte a concurso*, D. Pepino, que obteve o primeiro logar; na *Nossa adivinha* foi Pery quem primeiro conseguiu matar todas as questões. Ambos podem vir ao nosso escriptorio receber o premio.

MOTTE A CONCURSO

Continúa aberta esta secção. Daremos em cada numero dois versos que devem ser glosados pelos concurrentes, obtendo, como premio, aquelle que melhor collocação tiver, uma elegante carteirinha.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervallo de um numero, sendo as glosas recebidas até a vespera da publicação do numero antecedente.

Para o motte—

A Dona Rosa Pereira
Já não faz o que fazia

recebemos as seguintes glosas:

—

Não ha disso, seu Moreira
Se prefere feijoada,
Está lá na agua-tortada
A Dona Rosa Pereira.
— Mas filha, d'esta maneira
Vais perder a freguezia;
Vê quanto ganha a Maria!...
— A Portugueza?... conheço...
Se ganhou, foi no começo,
Já não faz o que fazia.

D. Pepino.

—

Não ha geito nem maneira
D'esta gaita endireitar,
Mas já sei; vou consultar
A Dona Rosa Pereira.
—Não caias nessa, Oliveira
Disse-me logo o Faria:
Ella teve a primazia
Mas agora mal se atura,
Está perdendo a emboccadura
Já não faz o que fazia!

D. Tomate.

—

Quem diria!! Foi primeira
Na belleza e perfeição
Mas hoje está um canhão
A Dona Rosa Pereira:
O seu leito era uma esteira
Onde nem coberta havia
Tentei fallar, não ouvia.
Busco dar-lhe algum calor
Mas a pobre no amor
Já não faz o que fazia

Verissimo (Complicado).

—

Era moça bem arteira
Quer em casa, quer na rua;
Só fazia falcatrua
A Dona Rosa Pereira.
Gostava de pagodeira,
Com todos ella bulia,
E nenhum gosto sentia.
Mas como um fim tudo tem
Hoje a Rosinha tambem
Já não faz o que fazia.

Treme Terra.

—

Sob a frondosa mangueira
Bem no meio do quintal
Vi muito unida ao Vidal
A Dona Rosa Pereira.
Dei-lhe um trote; e a brincadeira
Causou em Rosa arrelia,
Pois inda hontem dizia
Que, p'ra não ser surprehendida,
A não ser muito escondida
Já não faz o que fazia

K. Quinho.

FOLHETIM 16

A VINGANÇA DE UM SAPATEIRO

Romance realista

POR

ROCK

PRIMEIRA PARTE

IV

NAS COSTAS DE JOÃO...

[illegible]

E no outro dia, ás quatro da tarde ainda estava João da Cunha pensativamente na sua tenda em vez de estar na cadeia...

Quando a Manezinho, em vez de tel-o morto, João encontrara-o estava á sua espera com uma curiosidade de todos os diabos! E na sua impaciencia, doido que o outro chegasse, ia pensando como diabo elle se teria escapado. Percorrera tudo, não ficou logar nenhum n'alcova que elle não remexesse...

E tinha a certeza de que *o bruto* estava lá! Era o diabo! Onde se teria mettido aquelle sacripante? «Ah! que elle chegasse, dizia, que elle chegasse e depois de ter sabido como a cousa tinha sido, só para satisfazer a curiosidade, que elle estrangulal-o-ia, alli mesmo, depois de lhe ter dado com muita fórma de botina na cara... Ah! que elle viesse com a sua historia de soprados na venta que havia de ver uma cousa.

E mal o sapateiro acabava de ruminar estas coisas tenebrosas, appareceu-lhe Manezinho, risonho, alegre, com cara de quem vem de gozar uma aventura interminavel e doce.

Chegou e foi-se sentando familiarmente como quem entra na sua propria casa, e queixando-se de que não havia nada n'esta vida, por muito doce que fosse, que não tivesse lá no fundo, occulto e terrivel, um bocadinho de fel.

— Então o que foi? perguntou João da Cunha, fingindo serenar e pondo para o lado o seu odio terrivel.

Manezinho dava-se um ares de importancia.

— O que tinha sido? Pois elle não sabia?

Não, João da Cunha não sabia, ou, por outra, por certas coisas e certas conveniencias, João da Cunha fingia não saber o que tinha sido.

Manezinho então explicou:

— Ora o que havia de ser?! A peste do marido, ora ahi está! Aquella peste que deu agora em ir em casa ao meio dia e que está-me a interromper o capitulo!

— Então tornou a ir? perguntou João, fingindo curiosidade e querendo saber onde o outro se tinha escondido.

— Ora se foi. O diabo do homem parece que já farejou qualquer coisa! E' um horror! Ainda bem a gente não se põe a gosto, já o diabo bate na porta...

— E você estava?

— Estava, homem, por signal que estava quasi a acabar...

— E como se arranjou?

— No guarda-vestido.

— Ah! no guarda-vestidos!

E João lembrava-se de que, quando dera sua rigorosa busca na alcova, mexendo em tudo e abrindo tudo, abrira tambem o guarda-vestidos. Mas não vira o bicho... Como diabo teria sido? E voltou a interrogar Manezinho.

— Então, no guarda-vestidos?

— E' verdade, por signal que a peste do marido abriu e passára a mão pelas saias de seda da mulher. Ah! se o desgraçado empurra mais a mão, estava tudo perdido!

— E depois? perguntou o marido de Rozinha.

— Depois foi embora, vendo que não achava ninguem. Eu supponho aqui p'ra nós, seu João, que aquelle homem já desconfiou.

— Qual o que! disse o sapateiro cahindo nos seus pensamentos negros.

Era verdade! No guarda-vestidos!... E elle que não adiantára mais um pouco a mão. Ah! que desastrado que fôra! Bem elle se lembrava de que, quando o vira, o guarda-vestidos parecia ter roupa de mais. Mas nem aquillo lhe passou pela idéa. Era uma besta, não tinha que ver! E que fazia, alli, diante d'aquelle homem, que lhe não mettia duas balas na cabeça? Lamentava não o ter encontrado de manhã, dentro do seu guarda-vestidos, por um descuido lamentavel, — pois bem: tinha-o alli, agora, ao alcance das suas mãos, sem que elle receiasse o marido que julgava longe, sem uma suspeita sequer...

E elle, João da Cunha, não o matava?! E elle, sapateiro honrado e honesto, com uma freguezia pontual e certa e aquelle peso na cabeça, não lavava a sua honra?!

Não, João da Cunha não queria precipitar, João da Cunha queria a justificativa do crime que ia commetter, João da Cunha queria o flagrante delicto. Iria no outro dia, pé ante pé, devagarinho, sem bater, olhar pelo vidro da alcova.

E quando os dois, abraçados, unidos, estivessem a gozar as delicias de um amor prohibido e a augmentar-lhe aquelle peso que sentia na cabeça, — então sim: pum! pum! dois tiros, dois cadaveres e a sua honra lavada! Assim é que elles se faziam. Nada de precipitações!

Manezinho vendo o sapateiro calado e a scismar quiz saber o que era aquillo, se elle tambem estava a gozar uma mulher bella e quente com um marido impertinente e ciumento.

Não, João da Cunha não pensava n'isso. Pensava, dizia elle, n'um par de botas que tinha de entregar no dia seguinte.

Manezinho então pediu-lhe um conselho. Que devia elle fazer? Se o tal marido voltasse talvez não tivesse mais onde se esconder e seria o diabo.

— O senhor, *seu João*, é que me podia garantir alguns momentos de socego.

— Eu?! Como?

— Eu lhe explico: Perguntava-se a Rosinha onde se póde encontrar o diabo do marido, e emquanto elle estivesse lá com ella, o senhor ia...

— Eu ia?

— Para onde estivesse o *outro*.

— Fazer o que? perguntou João da Cunha, espantado.

— Ora fazer o que?! Entretel-o. O senhor ia lá, punha-se a conversar com o *bruto* e conversa vae conversa vem era o tempo que eu acabava...

— Não, não, senhor; não me presto a isso. Estou de perguntar... Eu tenho muita afeição... não posso me distrahir... não pergunte, faça o favor de não perguntar nada á mulher.

João da Cunha quasi não podia acabar. Era demais! Pedir-lhe, a elle, João da Cunha, para ir entreter o *outro*, sua mulher! Elle entretendo o marido de proposito! Oh! era demais! Não havia quem supportasse tanto!! E sahiu da tenda desesperado, sem se poder conter, procurando reprimir a colera para não abafar o outro alli mesmo.

(*Continúa.*)

Foi deitada n'uma esteira
Qu' eu vi, co' o filho da Rosa,
A morena mais formosa:
A Dona Rosa Pereira ;
Mas, coitada! que caveira!
'Té perdeu toda a alegria
P'las noites que não dormia
Contando as taboas do tecto,
E' mais hoje um esqueleto,
Já não faz o que fazia

CAMARÃO SECCO.

—

Mocinha muito brejeira
Era da pelle dos meus...
Desrespeitava até Deus
A Dona Rosa Pereira.
Uma cadella matreira
Era a sua companheira
Assim o mundo dizia.
Morreu-lhe emfim a cadella
E desde esse tempo ella
Já não faz o que fazia.

PAPA NEGRO.

—

No seu tempo de solteira
Era *coquette* e vaidosa
Queria ser mais formosa
A Dona Rosa Pereira.
Vejam só que grande asneira,
P'ra parecer mais esguia
Quasi a cintura partia.
Casou-se emfim co' Menezes
E no fim de cinco mezes
Já não faz o que fazia.

FREI SINETE.

—

Na noite de terça-feira,
Por certa rua passei,
E por acaso encontrei
A Dona Rosa Pereira ;
Ella toda prasenteira
Me chama de — *seu fatia,*
E disse com ironia
Que ainda me tem amor,
Mas se me fez um favor...
Já não faz o que fazia.

OLHE-LÁ!

—

A' sombra de uma figueira
Estremamente copada,
Vi docemente deitada
A Dona Rosa Pereira...
Surprehendendo-me a maneira
Com que a olhar me ella sorria
Cheguei-me com cortezia.
E, logo após, que massada,
Notei que a pobre coitada
Não faz mais o que fazia!

MÁ LINGUA.

—

Tão bonita e tão faceira,
Nunca vi assim tão bella
Como hontem na janella
A Dona Rosa Pereira.
Busco ver logo a carteira
Nem uma de X havia,
E com a algibeira vazia
Não me animei a entrar,
Pois faz-se agora pagar,
Já não faz o que fazia!

ZÉ CAIPORA.

—

Já viram como é faceira?
Que linda bocca de rosa,
Que fina pelle cheirosa!...
A Dona Rosa Pereira
Tem modos proprios de fada,
E cada perna adorada
De bella côr purpurina
Que nos põe grande... *arrelia*...
Mas, mesmo assim a menina
Já não faz o que fazia.

PHIDIAS.

Para o proximo numero offerecemos o seguinte motte:

A mulher do Malafaia
Trabalha bem que faz gosto!

Só recebemos até terça-feira as glosas deste motte. As que nos chegarem depois, serão inutilisadas.

As glosas devem vir em tiras escriptas de um só lado.

NOSSA ADIVINHA

«Honny soit qui mal y pense».

ACHAR PROVERBIOS

SOLUÇÃO DO N. 3

«........................ *gato escaldado d'agua fria tem medo.*»

Acertaram:

Atchim, Phidias Incognito, Myosotis, Rei de Ouros, Frei Pipi & C., D. Pachola, Guerrita, Odiragram, Dr. Brocha, Frei D. Zel, Má Lingua, Thebas, Frei Coió, Papa Negro, Dr. T. Mudo, Frei Sinete, Hetaira, K. I. Pora, Anfan, Camarão Secco, K. ré K. da K. b. ça, K C. T., Parasita, Dr. Curinga e Agarbainde.

N. 6

Era bilontra chapado
Aquelle José Ferreira
Que tinha um tio, o Furtado,
Pai de um «bijou» adorado
A Ameliasinha faceira.

Queria o tio o casorio
Pois a menina não tinha
Mais um certo accessorio...
Que lh'o tirára um finorio
Rapaz de vida damninha

— «Case, pelo Evangelho!»
Diz o pai. Porém, o Juca,
Ficando todo vermelho,
Diz-lhe que «...............
..............................»

I

VERSOS A CONCLUIR

Foge a ama ao capellão
Carregando-lhe as galhetas,
Mas segura o sachristão
Que lhe..........

D. PEPINO.

II

Este deus suspende pois vê ao apertado um tremedal-1 1-1.

ANFAN.

III

O homem leva dentro está páu 1-2.

DEIRÓ JUNIOR.

IV

A ave de Tobias me tem amizade-2-1.

PAPA NEGRO.

V

Musgo que não tem valor, é refresco-2-2.

K. RÉ K DA K. B. ÇA.

VI

Fure alli com a vara-2-1.

O CABEÇA.

VII

CHARADA ANTIGA

(Retribuição ao Deiró Junior)

Eu não sou Deiró Junior, lavrador,
Para *arar* a seára.
Aqui pouces se dão a tal labor,
E' coisa muito *rára*!
Porém impõe agora a gratidão-3.
Mil graças te render,
De não poder eu tenho compaixão-1
Melhor te agradecer!!

GUIME.

VIII

LOGOGRIPHO

O Deiró vendo a mulata-6,7,6,7,
9,8,3,9
Foi-lhe ao ouvido dizendo:
Deixa ver teu passarinho-4,5,1,2
Ella a rir logo desata:
— O' moço, fique sabendo
Sou *amiga* do Marinho!

LINCOLN.

IX

De som da frauta achava graça o peixe-3-2.

FREI PIMBA.

X

A malvada risca com o furador do mestre-1-1-2.

D. PEPINO.

XI

Pôrco de graça apresentado armas 1-2.

D. PEPINO.

XII

CHARADA ANTIGA

(Ao collega Lincoln)

Oh! que bom instrumento-2.
E' o que está na parteira-2.
E' da familia das ostras
Parece até brincadeira.

K. C. PORÉ.

XIII

No olho esta mulher é matizada-2-2.

THEREZA, A CASTA.

XIV

Na perna da moça faz doer o instrumento-3-1.

R. POLHO.

XV

A fracta do avarento faz mear—2—2.

C. GURÁ.

XVI

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é? O que é?

Qual é o homem que se dá aos cavallos?

K. C. PORÉ.

Confere

FREI CEBO.

—

Só recebemos as decifrações deste numero até terça-feira. Serão inutilisadas as que nos chegarem depois.

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervallo de um numero, recebendo-se o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

Ao primeiro decifrador daremos, como premio, uma elegante carteirinha.

Acceitamos collaboração, que nos deve ser enviada em tiras escriptas só de um lado.

Os *pontos*, neste torneio, são contados, um, por questão decifrada, ou por trabalho publicado.

Servem taes *pontos* para a distribuição dos premios, que faremos aos cinco primeiros collaboradores e decifradores, no fim do mez corrente.

Decifrações e decifradores do n. 81.

Propuzemos 12 questões, cujas decifrações eram:

Bexame, O Rio Nú, Missa-Assim, Madresilva, Balanço, ... Anzas que tu tens ... a cara a vergalho, ... que me tenha sarado, ... os funcções, Amador, Paleta, Saracura, Pororóca, Sapato e Apa.

Decifraram:

Pery 12 Atchim 11, Frei Coió 10, Myosotis 10, Rei de Ouros 10, Papa Negro 12, Frei Pipi & C. 10, K. C. Poré 12, Dr. Brocha 9, K. To Rita, ex Lambe e Soca 10, Dr. T. Mudo 6, Frei Sinete 12, Hetaira 5, D. Pachola 9, K. Quinho 12, K. I. Pora 8, Má Lingua 8, Dondocas 11, Anfan 11, Camarão Secco 7, Palito 7, Phidias 12, Ubirajara 10, Thebas 10, Odiragram 9, D. Pepino 11, K. C. T. 6, Valete de Ouros 12, K. ré K. da K. b ça 9, Deiró Junior 11, Parasita 12, Dr. Curinga 12, Agarbainde 10.

QUEBRA-CABEÇAS

FOLHETIM

Mulheres, Theatros e Chopps!..

Romance realista

DE

LUDORO

(Continuação)

II

— Sempre a mesma cousa! Es capaz de pensar que o Dr. tem inveja do seu collega.

— Conheço-o bem para poder dizer-te francamente que o Novaes é muito leviano e excessivamente hypocrita.

— Pois bem, seja assim. Quero-o e é quanto basta. Elle ahi vem...

O outro levantou-se e sahio.

Chegára o Novaes. Era um rapaz forte, de bigode castanho, algum tanto moreno. Usava *pince-nez* de ouro e trazia um ramo de violetas na *boutonnière* do fraque cinzento. Irreprehensivelmente vestido, de cartola, apertou levemente a mão enluvada de Lucia e sentou-se junto della.

— O que fazia aqui o Medeiros?

— Fallava de ti.

— De mim?

— Sim, dizia que eras um bom advogado, um homem serio a toda a prova. Mas, escuta, estás mal com elle?

— Sim e não. O Medeiros tem por habito conquistar todas as raparigas e principalmente aquellas que vivem e são caseiras amigas. Emfim, parece-me que isso é mania... Conheces a Esther?

— Conheço, e o que tem?

— Imagine que essa *senhora* que hontem, na *Braço de Ouro*, bebia á custa de um e namorava um *outro*, para encurtar a conversa, já hontem mesmo dormia com o outro! E que tal?...

— São genios, meu velho!

— Pois olhe, com franqueza, eu cousa que eu não atturava. Póde a mulher ser o que quizer, mas guardem-se as conveniencias pelo menos...

— Eu devêra ser assim; mas confesso-te, que se fizesse dessas scenas envergonhar-me-ia.

— Antes assim! Tens carro á porta?

— Tenho, e alugado ha mais de quatro horas.

O Novaes franzio as sobrancelhas.

— Estás aborrecido?

— Não; tenho que fazer uma visita e se me pudesses desculpar por não poder acompanhar-te hoje...

Lucia, com as pestanas a bater, comprehendeu a farça.

A muito custo procurou conter-se; mas, a olhar para o rosto do Novaes, que tornava-se purpureo, bradou:

— Nunca tens dinheiro, valha-te Deus! Que fazes do que ganhas? Vives a explorar meu corpo noite e dia e afinal que esperas? Que eu te sustente? Não faltava mais nada *orçamentos barbados*! Se o Sr. fosse um homem de vergonha, si lhe restasse uma pequena parcella de brio estou certa que não se sujeitaria a um papel que não está de accordo com o que representa na sociedade. Sei que estou perdendo palavras com quem não sabe apreciar o que se diz, mas...

— Lucia...

— Saia! Basta de ser ridiculo a seus proprios olhos! Antes só que mal acompanhada!...

Ao ouvir essas palavras o Novaes sahio sorrateiramente, pois percebera que o publico que enchia o Parque ouvira toda a discussão...

Lucia, fula de raiva, mordia os beiços, quasi a chorar...

Amar um homem, sim, porque Lucia amava-o com todas as forças de sua alma! Mas, ser obrigada a viver na miseria, sem um tecto amigo, onde repouzasse a fronte entristecida quando ninguem a soccorresse, ser alvo de todas as injurias e perfidias, ter no coração um amor que a abrazava e ser obrigada a suffocar esse amor, porque não era o Amor que lhe daria vida e sustento... Era horrivel! Lagrimas sinceras, lagrimas ardentes rolavam-lhe pelas faces. Chamou o *garçon*, pagou a despeza e sahio. Atirou-se ao carro, como se fosse um trapo, e ao chegar á Pensão, triste e desanimada, prorompeu n'um pranto convulso, blasphemando contra Deus, contra o mundo!

Essa Esther, de que o Novaes fallara, procedera bem!

Quem sabe se o primitivo amante dessa outra não houvera procedido como o seu? Esqueceu-se de perguntar ao amante o nome de ambos; mas, como mulher que era e amiga de Esther, tudo adivinhára...

Conhecia-a; não conhecia o outro senão de vista. Eram os dous — escriptores — e dessa gente nada havia a esperar. Eram uns promptos...

Uns typos que tinham por habito comer no G. Lobo, um hotel barato da rua General Camara!... Quantas vezes encontrara o D. a *morder*... e mais outros, de cujos nomes nem se recordava!

O Luxo, somente o Luxo a arrastara a essa degradação infame, obrigando-a a desprezar o corpo de mulher moça, a abraçar uma prostituta que no Paschoal era apontado como *cocotte*!...

Tinha mãe e irmãos!... tudo abandonara por essa vida de mulher publica, que não sabe comprehender a sinceridade, que tudo calca visando o dinheiro!... Arrependia-se, mas era tarde, muito tarde. Não tinha outro remedio senão continuar n'esse viver clandestino, onde se ignora o *dia de amanhã*, temendo de tudo, desbotando os olhos, alta noite, ao ver debruçado sobre o leito, o espectro da miseria!...

Deixar escapar das mãos de um homem todas as aspirações do futuro e ver-se, como agora, reduzida a procurar um macho que lhe fossasse o corpo, era quasi inacreditavel.

Em casa da familia, rodeada de todos que lhe queriam tanto, sentindo os affagos dos irmãos, ouvindo os conselhos do pae, um homem austero e respeitado... desprezar tudo isso á procura de um Ideal que era lodo e infamia, era horrivel.

Amara aos quinze annos, aos dezoito entregára a um moço cheio de belleza e dinheiro, o seu *thesouro* inteiro. Depressa percebeu que esse prestigio todo delle, noite e dia, escondendo os desejos de ser muito rica não poderia continuar.

Uma noite, no theatro, ao lado do marido, distinguio a Suzana, principescamente vestida ao lado de uma outra, cheia de brilhantes, adulada e festejada por uma chusma de adoradores. A idéa do Luxo e da Riqueza veio traiçoeiramente segredar-lhe aos ouvidos. Lucia, quasi menina, ingenua ainda, deixou-se guiar pela voz do mal, que a arrastou ao precipicio.

Nos primeiros tempos todos a adoravam. A propria Suzana offereceu-se para morar com ella. Lembrou-se da primeira vez que entregára o corpo... O typo obrigára a apresentar-se nua. Lucia, confusa, com os olhos a escorrer, supplicou, pedio... Nada o demoveu... Desfizera-se assim a sua primeira illusão.

Quando reconheceu que os homens só lhe desejavam o corpo de mulher, ainda nova, e que, no dia seguinte, nem siquer, se recordavam dos seus arrancos de prazer, desfez-se a sua segunda illusão...

Finalmente, quando o seu coração, avido de viver, sem um carinho, sem uma affeição, procurou um outro, encontrou quem não a pudesse comprehender, ao contrario, teve quem a explorasse miseravelmente, sem condoer-se de sua triste situação.

Como era máo o Mundo. Como eram infames os homens!

Desillúdida completamente, acha meio nas outras mulheres, que desdenham todos os homens, entregando-lhes somente o dinheiro!...

(Continúa).

PORTARIA

ATCHIM.— Pode.

PALITO.— Sem ceremonias. Recebel-o-emos de braços abertos.

K. L. PORTA.—Continue.

CAMARÃO SECCO.—Nós não deciframos charadas. Mande decifrações.

K. C. PORT.— Frei Cebo diz que não teve razão e dá as mãos á palmatoria; não vale, portanto, zangar. Quando no caso da suggestão, por engraçado, ella nem pensa em protesto; é uma opinião e as opiniões são livres.

DR. RIBEIRA.— Pode mandar o que tiver.

ANNUNCIOS

CHARUTARIA CASTELLÕES

Unica que recebe cigarros S. Luiz do Parahytinga; Barbacena (Valle); Espirito-Santo do Pinhal; Baependy; Sitio; Borboleta.

DEPOSITO DOS CIGARROS ITATIAYA

GUIMARAES & C.

71 Largo do Rosario 71

S. PAULO

PRESERVATIVO

DA

Gonorrhéa e da Syphilis

Usem a *Lagolina* do Dr. Eduardo França, conforme ensina o folheto que acompanha o vidro, e evitarão o contagio d'estas molestias.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

DEPOSITARIOS

ARAUJO FREITAS & C.

114—Rua dos Ourives—114

Canto da de S. Pedro

TROVADOR MODERNO

DE

MODINHAS BRAZILEIRAS

CONTENDO

admiravel collecção de modernissimas modinhas brazileiras, apanhadas directamente do vulgo e que não se encontram publicadas em nenhum outro trabalho.

PREÇO 1$000 RÉIS

A' venda no escriptorio desta folha

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de 2$500, em carta registrada com valor declarado, dirigidas a gerencia desta folha.

TROVADOR DE ESQUINA

OU

REPERTORIO DO CAPADOCIO

CONTENDO

Canções populares, Fandangos, Sambas, Fadinhos, e Desafios, Cantigas, que prendem as raparigas, Cantatas que deleitam as mulatas, Modinhas que chocam as crioulinhas

COLLECIONADO POR

João de Souza Cunegudes

PREÇO 2$000

A' venda no escriptorio desta folha. Pelo correio mais 500 réis

Um livro admiravel, elegante e precioso!!!

ACABA DE SAHIR A LUZ E JÁ SE ACHA A VENDA O

CANCIONEIRO POPULAR

DE

MODINHAS BRAZILEIRAS

Unica e exclusivamente composto das mais formosas e conhecidas modinhas brazileiras

Fiquesse, porém sabendo que não se trata de um livro vulgar, feito apressas, em que se fossem reunidos a como cantos, textuativos e modinhas, por qualquer pessoa, copiando-os estupidamente, como as ouvisse cantar.

O **Cancioneiro Popular** é um volume sabiamente organizado pelo Sr. CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE, distincto moço, conhecido poeta e prosador, excellente professor de linguas — nome que toda gente conhece e tem applaudido.

O autor pondo pacientemente as mais bellas poesias populares, que se prestam para o canto (**MODINHAS**), encontrou-se de modo que combinassem as palavras e a musica; indicou em cada uma a musica com que deve ser cantada. Desse modo, o livro tornou-se admiravel e precioso.

Eis o indice:

A primavera é uma estação florida; Tenho saudades de Macia; Ao violão; Minha vida era um lago transparente; Qual flex doido o mancebo, se lhe offerecem banana; Minha alma solaça, ninguem lhe responde; Vem cá, menina morena; Entre o perfume das flores; Nas horas que passo comtigo na mente; Se foi crime te amar com loucura; Lucia infernal; A busca cesto de manos; Borboleta, meus amores, minhas lisonjas onde vale; Tanto amor, puro, santo e sublime; O batuque, canção de africano; Perdão, Senhor meu Deus, minh'alma sente; Se não me amas, o mulher, porque me prendes? O poeta e a fidalga, modinha muito conhecida com o titulo; As aves, contando os oito versos (e não sels como por ahi anda toda errada); Não és tu quem eu amo, não és; A loura franca; O' saudade Madona dos meus sonhos; Ao virar da esquina, eu vi em Lisboa; As moças são anjos que dormem no mar; Os olhos azuis; Sonhei comtigo, donzella; Tá me perguntas a historia daquelle triste rancinhos; Oh! mulher não sorrizas, que eu choro; Que valem flores; Vem ver, Elisa, como surge a lua; Teu nome; Eu amo a cabana que em teu rosto brilha; Talvez não creias que eu por ti seja louco; Chiquinha, se eu te pedisse, de modo que ninguem visse; Sempre te amando, desprezando outras; Nas horas que passo comtigo na mente; Horas serenas desta quadra bella; Meiga filha de Deus, rosa d'aurora; Vendedora de amores; Que lindos matinos na saia de neve; Minh'alma solaça, ninguem lhe responde; Os anjos bailados; Preservas linda como possa amar; Vamos, Eugenia, fugindo; Eu só te peço que te lembres, bella; *Lo pavo se fundo do mar, no estilo de canção de roda*; Es, Marilia, tão bella e formosa; Meus amores Brazileiros; Sofro o mar de esperar amor; O bem-te-vi; O vagabundo; A cascata faceira; *Gosto de ti porque gosto*; Um anjo eu vos contemplo, se bem me lembro, passou-se ha dois annos, no mez de novembro; Se muito te adoro; A malaia; O pilulo-sopha; Foi bilontra decidido; O réu reunamos de novos flexidas outra, imitação do autor; A aurora assoma e Aterra doma—outra, imitação do autor; A' terra um anjo baixou; Morena escuta os meus cantos; Não fagas de amarigas pranto; Na loira em quem se cobre; Que sorte, que sina cruel é o meu fado; Ursulina, ao céo a lua desmaia; *O Pesido*; A rosa que ao nascer abre a corola; Linda flor, como és mimosa; Porque vejo nos teus olhos (do Sr. Bilhar); Eu viste sorrindo, vamos na valsa; Não és tu quem eu amo, não és; e centenas de outras agolinhas, cada qual mais linda, eguais a esta ou talvez mesmo melhores.

Um grosso volume com mais de 200 paginas, com riquissima capa 2$000

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de 2$500, em carta registrada, com valor declarado, dirigida

a esta redacção

COLLECÇÃO RUBRA

Sahio do prélo o escandaloso e sensacional romance:

LENITA

(Scenas peccaminosas do Rio de Janeiro)

Romance realista em que o auctor, distincto litterato que mal se encobre sob o pseudonymo de *LUDORO*, descreve com verdade e observação a vida de conhecidas mundanas e falsos *gommeux*.

Neste livro encontrará o leitor a vida nocturna da actual geração nos jardins dos theatros desta Capital e nesses antros do vicio que existiram ha tres annos:

O Hotel Alliança e o Sereia

1 vol. com capa illustrada. . . . . 2$000

Os pedidos do interior devem vir acompanhedos de 2$500, em carta registrada com valor declarado e dirigidos a esta redacção.

CANÇONETAS E MONOLOGOS A 200 REIS

Os Camarões, Rataplan, Estudante Alsaciano, A Missa Campal, Do mesmo lado, A Rir A Rir, Jogo Novo, Descuidos, Assim... Assim, Os Proverbios, A Terra das Maravilhas, No meio, Coração no Mar, As minhas collegas, O meu amigo Banana, Os Phosphoros, Brincadeiras, Si eu fosse rapaz, Não acho-minha senhora!, O meu nariz, Um Proverbio desmentido, Nem eu... nem ella, Os Suspiros, A Banhista, A Valentona, Mulheres, Tal e qual, Ora... toma Mariquinhas, A Banana, O Defeito, Descarrilhar, Por de cima, por debaixo, Do Outro lado, Typos de X. P. T. O., Enganos, A minha tanalia, O chefe d'orchestra, A gargalhada, As Abscinhas, Carnaval, Do Lagoa!, Etc e tal, Pobre Humanidade, O Sorteio, O Lazaro do Sogra, Atraz da Banda Marcha, A Vaia, Os milagres de Nosso Senhor!, O gato, [illegible], O Barbeiro, Conto do vigario, [illegible], Surpreza de um marido, O noivo.

A' venda no escriptorio desta folha

Collecção Rubra

ACHA-SE A' VENDA O N. 2

Banquete da Carne

POR JOSINUS

1 volume com capa illustrada 300 réis.

A venda neste escriptorio.

MARIA

A

DESGRAÇADA

ROMANCE SENTIMENTAL

Uma joven que é raptada justamente na vespera do dia em que vai casar-se com o moço a quem tiabalhou o largo e lento martyrio dessa infeliz no carcere privado em que o seu algoz a prendeu: a sua angustia, o seu desespero, a angustia, o desespero em novo — [illegible] — MARIA, a DESGRAÇADA.

POR

ELYSIARIO DA SILVA

Um grosso volume com riquissima capa 3$000.

A' venda no escriptorio desta folha. Pelo correio mais 500 réis.

CONTOS PARA VELHOS

DE

BOB

Um elegante volume com capa illustrada a duas cores

2$000

Romances a 1$000

PAULO DE KOCK

Gustavo, o estroina, A dama dos Tres Espartilhos, A Menina das Tres Saias, A' procura de Noiva, A vereda das ameixas, Os Sete Bagos de Uva, A Familia Pavilhão, Namorado sem ventura, A noiva do Cadete, O Burro do Sr. Martinho

LANTERNA MAGICA

ANSELMO RIBAS

A SEARA DE RUTH

JOSÉ DO PATROCINIO

Motta Coqueiro

JULIO MARY

Paixão e Odio

H. P. ESCRICH

VISINHA DO POETA e MAGDALENA

ALEXANDRE DUMAS

VINGANÇA CORSA

TEIXEIRA E SOUZA

Maria, a menina roubada

XAVIER DE MONTEPIN

MARTYRIO E CYNISMO

Vingança da Mulher, de Bock

A' VENDA NO ESCRIPTORIO D'ESTA FOLHA